

REVOLTA *MEESEEEKS* E A PROBLEMÁTICA DA VONTADE: SCHOPENHAUER, NIETZSCHE, “RICK AND MORTY”

*Alexandre Luiz Polizel*¹
*Moises Alves de Oliveira*²

RESUMO: Objetiva-se traçar considerações acerca da problemática da vontade a partir das considerações de Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e da animação televisiva “Rick and Morty”. Inspirado nas considerações dos Estudos Culturais, reconhecendo o potencial pedagógico dos discursos que circulam as microfísicas das relações sociais em múltiplos territórios de veiculações discursivas. Neste tocante, o presente ensaio utiliza da filosofia da vontade Schopenhauriana, Nietzscheana e na animação televisiva “Rick and Morty”, utilizando o quinto episódio da primeira temporada intitulado: “A revolta dos *Meeseeks*”. Os *Meeseeks* são personagens, sendo estes o Outro-representação, sujeito-vontade, e são evocados apenas ao serem colocados em movimento, produzidos pelo acionar do mecanismo baseado no acionar por uma vontade e, estas operações são voltadas a aprimorar as relações: a) dos Outros para consigo; b) de si para consigo mesmo; c) para o aprimoramento de uma habilidade pessoal; d) para execução de alguma tarefa. Evidencia-se no campo da vontade: a) *Meeseeks* como seres monstruosos produzidos pela canalização egoísta da vontade; b) *Meeseeks* como produtores do outro à medida que suas vontades insaciáveis é a realização da vontade do outro; c) *Meeseeks* atuantes de uma ética da compaixão, à medida que suprimem sua própria existência-vontade afim de sanar as vontades do outro.

Palavras-chave: Pedagogias Culturais; Vontade; Rick and Morty.

REVOLT *MEESEEEKS* AND THE PROBLEM OF THE WILL: SCHOPENHAUER, NIETZSCHE, "RICK AND MORTY"

ABSTRACT: The objective is to draw up considerations about the problem of the will from the considerations of Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche and the television animation "Rick and Morty". Inspired by the Cultural Studies considerations, recognizing the pedagogical potential of the discourses that circulate the microphysics of social relations in multiple territories of discourse placements. In this respect, the present essay uses the philosophy of the Schopenhaurian will, Nietzscheana and in the television animation "Rick and Morty", using the fifth episode of the first season titled: "The Meeseeks revolt". The Meeseeks are characters, these being the Other-representation, subject-will, and are evoked only when they are put into motion, produced by the action of the mechanism based on the

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá e, em Filosofia pelo Centro Universitário de Araras. Membro no Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Contato: alexandre_polizel@hotmail.com

² Professor do Departamento de Química na Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações. Orientador no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Contato: moises@uel.br

action by a will, and these operations are aimed at improving relations: a) others to you; b) from himself to himself; c) for the improvement of a personal ability; d) to perform some task. It is evidenced in the field of the will: a) Meeseeks as monstrous beings produced by the egoistic channeling of the will; b) Meeseeks as producers of the other as their insatiable wills are the realization of the will of the other; c) Meeseeks acting on an ethic of compassion, as they suppress their own existence-will to heal the other's wills.

Keywords: Cultural Pedagogies; Will; Rick and Morty.

Notas introdutórias

Aquele que quer, o destino conduz; aquele que não quer, o destino arrasta
– Arthur Schopenhauer

O que me guia nesta escrita? Seria de fato o efeito de uma vontade que atua no escrever e no constituir as coisas e a si? O que seria esta vontade? É então com inclinações à escrita-produção de um saber sobre a vontade que arrisco-me neste manuscrito.

O que me inspira para a escrita deste são as veiculações discursivas que visualizo na animação televisiva Rick and Morty, desenho norte americano popular entre jovens e adultos que mescla comédia e ficção científica, exibido pelo canal Fox. O desenho atualmente apresenta três temporadas disponibilizadas e, as considerações aqui escritas inclinam-se aos acontecimentos do quinto episódio da primeira temporada, intitulado: “A Revolta dos *Meeseeks*”. Vejo neste episódio, como espaço de produções, veiculações discursivas que instiga-nos no pensar as relações da vontade, mais especificamente de torcer o binômio ético de vontade-compaixão e até mesmo de vontade-potência.

Talvez, demarco influencias neste olhar para a vontade do contato atual com as escritas de Arthur Schopenhauer (2001, 1964; MONTEIRO, 2014; STRATHERN, 1998) e Friedrich Nietzsche (2016; 1997). Ambos que investem parte de suas teorizações para o escopo dos campos da vontade. Arthur Schopenhauer por exemplo tem sua filosofia chamada de uma “Filosofia da Vontade”, sendo a vontade o conceito-substancia que é substrato no seu colocar a matéria pensamento em movimento. O Jovem Friedrich Nietzsche é afetado por esta filosofia de Schopenhauer e, talvez a vontade seja um conceito que este não abandona em sua maturidade, mesmo que reinterprete-o. Todavia, “Rick and Morty” trazem com sigo fluxos discursivos de uma vontade outra, talvez de uma crítica à vontade ou uma *martelada* nesta.

Assim, se olho a estas veiculações discursivas presentes neste episódio faço-o reconhecendo a potência pedagógica criativa e pulsante. Penso aqui em pedagogias sob a perspectiva das pedagogias culturais, de modo que essa é o ato de construção de saberes. Esta

construção dar-se no reconhecimento de que o potencial pedagógico ocorre não apenas em espaços institucionalizados, mas nos múltiplos espaços onde os corpos circulam e fazem-se no contato com outros. Perspectiva esta que busca uma não hierarquização de modos de ser, estar e pensar o mundo, todavia que reconhece assimetrias em como os saberes tem sido reconhecidos e (des)legitimados contemporaneamente (GIROUX, 2008).

Assim, utilizo deste material midiático compreendendo o caráter pedagógico deste, bem como de um pensar a problemática da vontade a partir do mesmo – e faço deste meu objetivo nesta escrita-criação. Para isto, organizo o presente manuscrito em cinco reflexões: a) A caixa de *Meeseeks*: localizando-se no episódio; b) Acionando a “Caixa de *Meeseeks*”: Vontade e Alteridade; c) Vontade e o desejo operante; d) *Meeseeks* e a revoltada vontade; e e) *Meeseeks*, sujeitos puros do conhecimento e a ética da compaixão.

A CAIXA DE MEESEKS: LOCALIZANDO-SE NO EPISÓDIO

Os personagens envolvidos no episódio são: a) Rick, um avô que carrega consigo rastros de uma representação de cientista, alcólatra, considerado o indivíduo mais inteligente de toda a galáxia – é um dos protagonistas do desenho, que viaja para aventuras diferentes com seu neto Morty; b) Morty, um jovem ainda em período escolar que representa um indivíduo que transita entre uma frágil inocência e o aventurar-se nas múltiplas dimensões com seu avô Rick; c) Jerry, pai de Morty e genro de Rick, representação de um homem “comum”, com fragilidades e com dificuldades para a resolução das coisas mais simplórias da existência; d) Beth, é filha de Rick e mãe de Morty, Beth é uma mulher independente, inteligente e ambiciosa que apresenta complexos emocionais em relação a seu casamento e a si mesma; e) Summer, filha de Beth e Jerry é irmã de Morty, Summer representa o estereótipo de uma adolescente americana, apegada a um desejo de popularidade e as mídias sociais, bem como vê suas relações familiares como disfuncionais; e neste episódio demarco também os f) *Meeseeks*, personagens azulados que surgem quando um botão localizado em uma “Caixa de *Meeseeks*” é acionado, esses indivíduos aparecem para realizar uma vontade específica de outro sujeito e assim que essa é sanada os mesmos desaparecem – em uma aparência efêmera, são produtos de um dispositivo tecnológico e da vontade de outrem.

São as movimentações dos *Meeseeks* que direcionaremos nosso olhar.

Todavia, vale nos situarmos neste episódio. Este inicia-se com a problemática: Rick, o cientista mais inteligente do universo, correndo juntamente com seu neto, Morty, enquanto

são perseguidos por seus familiares (Jerry, Beth e Summer) em um universo paralelo. Seus familiares estão possuídos por espíritos alienígenas demoníacos e, é preciso que Morty acione o dispositivo mnemônico que colocará fogo em seus familiares e aprisionará os espíritos dentro do mesmo (dispositivo mnemônico). Morty todavia resiste em acionar o dispositivo, visto que olha para seus familiares e sente-se “impotente” para tal ato – visto que não consegue ver para além da representação destes. Todavia por pressão de Rick o dispositivo é acionado, os familiares são incendiados e os espíritos capturados. A vontade de Rick invade e suprime a vontade de Morty. Rick aciona então sua arma de portais, que permite-os viajar nas múltiplas realidades e retornar a sua garagem-laboratório.

Na garagem-laboratório, Morty levanta questionamentos sobre as aventuras serem traumatizantes e que deveriam ser divertidas, sendo assim ele iria embora e não participaria mais – Morty reconhece a supressão de sua vontade, o que leva-o a esta reação. Em meio a um diálogo, Rick aponta que é “fácil reclamar quando não se está no comando” e é realizado um acordo, que Morty comandaria a próxima aventura, todavia se esta fosse ruim ele perderia o direito de reclamar e, se fosse boa ele poderia comandar uma a cada dez aventuras – as vontades e suas pulsões mostram-se negociadas. Com o acordo selado, estes preparam-se para sair em busca de uma nova aventura quando Jerry, Beth e Summer adentram na garagem-laboratório e pedem auxílios a Rick com coisas banais: a) Beth apresenta problemas com a máquina de lavar louças; b) Summer precisa de ajuda com a lição de ciências; e c) Jerry necessita de uma mão robótica que abra um pote de maionese. Rick diz a Morty então que a aventura terá que esperar por que ele terá que auxiliar a “família patética”, Morty acusa-o de covardia – as negociações e sobreposições das vontades dão-se em tracionamentos e disputas.

Neste momento, Rick meche em seus instrumentais da garagem-laboratório e retira uma caixa, a “Caixa de *Meeseeks*” e entrega-a a Jerry, Beth e Summer informando-os o funcionamento da caixa: apertar o botão, um *Meeseek* irá aparecer, é solicitado um pedido simples e após realizar a existência do *Meeseek* desaparece – sendo realizada a ressalva de que o pedido deve ser simples. Vidas que são vividas apenas para sanar a vontade do outrem.

Após isto Rick e Morty partem em uma aventura e, o episódio divide-se em dois eixos: a) Jerry, Beth, Summer e os *Meeseeks* e, b) Rick, Morty e sua aventura na terra média. Desde o início do episódio é possível traçar considerações acerca da vontade. Mas centrar-me-ei neste manuscrito no recorte realizado onde os personagens “*Meeseeks*” fazem-se presentes.

Assim, pontuo aqui que é feita uma tradução, recortes que direcionam o olhar para conduzi-los na reflexão sobre a problemática da vontade neste percurso

ACIONANDO A CAIXA DE *MEESEKS*: VONTADE E ALTERIDADE

O acionar da “Caixa de *Meeseeks*” inicia-se com Jerry, Beth e Summer com a caixa na mesa, com “pensamento acelerado” – como relata Summer – e Jerry faz então uma ponderação “Se vamos utilizar a caixa, e não tenho certeza que deveríamos, os desejos devem ser simples” neste momento Summer aperta o botão que aciona a caixa e surge um *Meeseek* pedindo “Quero ser popular na escola”, Beth logo em seguida aciona “Quero ser uma mulher mais plena”. Ambas saem e Jerry continua refletindo sobre o que pedir. Após um tempo de reflexão, Jerry realiza seu desejo: “Gostaria de melhorar a minha técnica de golfe”.

Aqui levanto um primeiro indágamento-apontamento: os *Meeseeks* foram criados por uma “vontade”. Todavia, um problema filosófico é destacado, por qual vontade? Uma vontade de Jerry, Beth e Summer? Uma vontade metafísica que produz e move todos? Uma vontade dos próprios *Meeseeks*? Quem produz essa vontade...

Um espaço fértil para nutrir esta problemática – da vontade – em que busco alianças com Arthur Schopenhauer para pensar nesta. Arthur Schopenhauer (2001, 1964; MONTEIRO, 2014; STRATHERN, 1998) teve como substrato para sua filosofia o pensamento no entorno da vontade. Recorreu a suas inspirações a Immanuel Kant e, pontuou que se existe alguma coisa-em-si esta coisa seria a vontade. Nossos perceptos, o mundo e a própria percepção do eu seriam representações da nossa vontade. A vontade é então um ente metafísico e, o corpo é apenas um objeto mediado pela vontade. O corpo só percebe-se corpo na relação com outro corpo, ambos tendo sua motoração pela vontade.

No corpo homem, então – em Arthur Schopenhauer não apresentava-se mulher –, a diferenciação era sua capacidade de abstração da vontade, e à vontade é a determinação de seus desejos, sendo os desejos aquilo que é subjetivado-objetivado da vontade. A satisfação de tais desejos consiste em uma satisfação da vontade. Todavia, a vontade schopenhauriana nunca é sanada, está sempre busca conquistar algo, manter algo ou sofrer por não deter algo – o que faz com que atribuam a esta filosofia da vontade uma identificação pessimista. O sujeito em sua individualidade, atravessado pela vontade, torna-se egoísta e desesperado para sana-la entregando-se cada vez mais ao aprisionamento de sua vontade.

Assim, o mundo, o eu, o corpo, o Outro, o que existe, é o que percebo. Se percebo é por meio da vontade. A alteridade assim se fundaria o perceber o Outro a partir da percepção que tem-se sob o Outro, isto atravessado pela vontade; enquanto só é possível ser o eu, à

medida que o outro percebe-nos e atribui-nos existência por intermédio a vontade. Desta forma, a própria existência do eu e do Outro encontra-se aprisionada pela vontade e, a única forma de ampliação de uma liberdade é por meio da supressão da vontade. A supressão da vontade é possível a medida que sai-se da condição de indivíduo e passa para a condição de sujeito que (re)conhece a vontade. Se é indivíduo enquanto está ligado ao corpo e, o corpo é objetivação da vontade. Suprime a vontade aquele que torna-se sujeito de conhecer, ao ponto de renunciar sua vontade em prol da vontade do outro – o que Schopenhauer, em seu filosofar para o conforto, tratará como uma ética da compaixão.

Sendo assim, podemos voltar a Jerry, Beth, Summer e os *Meeseeks*, pensando em múltiplas possibilidades para a problemática da vontade: a) Poderíamos pensar Jerry, Beth e Summer no entregar-se a vontade insaciável, na procura da realização dos desejos de sua individualidade egoísta e, assim, esta seria a vontade produtora de *Meeseeks* monstruosos que não descansam até sana-las – um desejo operante; b) Poderiam os *Meeseeks* serem os atribuidores de existência a Jerry, Beth e Summer, à medida que a vontade insaciável destes é a realização da vontade do outro; c) Seriam os *Meeseeks* atuantes de uma ética da compaixão schopenhauriana, sujeitos puros do conhecimento, que suprimem sua própria existência-vontade afim de sanar as vontades do outro, só existem para isto. Pondero que são três pontos que destaco aqui, visto limitações em minha tecnologia de olhar, todavia reconheço uma possibilidade de leituras da problemática da vontade que poderiam ser feitos entorno deste episódio. Destarte, voltarei meu enfoque a estes três eixos

VONTADE: DESEJO OPERANTE

Como já apresentado acima, a vontade em Arthur Schopenhauer encontra-se em um plano outro e, vem a ser desejo à medida que é subjetivado-objetivado. O homem assim, em seu desejo, transfere todo o sentido de sua existência e a possibilidade de saciar a insaciável vontade para os objet(iv)os. Tem-se dois caminhos para este desejo: a) o de afirmar-se no domínio de sua necessidade individual, sanar seus desejos e querendo tudo para si a ponto de aniquilar outros desejos ou b) no sair de sua individualidade e tornar-se sujeito, rejeitando a vida de ilusão da individuação por meio de uma recusa de si e de um compromisso para com as dores do mundo – a medida que compreende a vontade como causa e produtora da existência infinita dos sofrimentos pelo não saciar-se (SCHOPENHAUER, 2001; 1964).

Assim, nosso primeiro olhar centra-se em Jerry, Beth e Summer operando pela afirmação de sua vontade individual. A vontade individual seria a produtora do egoísmo e, o egoísmo opera hediondamente a medida que se expande e invade e até mesmo aniquila os desejos dos outros. O egoísmo neste sentido é produtor de monstros, que eliminam os Outros no processo de (in)saciamento dos desejos (SCHOPENHAUER, 2001; 1964; MONTEIRO, 2014). A medida que o Outro sana a necessidade transferida a este para o cumprimento da vontade do eu, o Outro desaparece.

Vemos isto na dinâmica de quatro vontades.

A primeira vontade que tem sua saciação ampliada pela interação com *Meeseek* é a de Summer, o que é apresentado em cena onde a escola encontra-se organizada em uma quadra com todos os estudantes presentes. No meio da quadra e dos estudantes está montado um palanque onde o *Meeseek* discursa sobre se amigo de Summer equivaler à “experiência mais enriquecedora de suas vidas”. Após discurso todos os estudantes vão entorno de Summer e o *Meeseek* desaparece. Aqui Summer tem a vontade direcionada a ser popular, mas mantém-se em silêncio durante o discursar. A vontade em Summer aqui, é a necessidade do Outro reconhecer sua existência a ponto de ser popular, a ponto de um *Meeseek* discursar para convencer os Outros de sua importância e valorização. A aniquilação está em fazer *Meeseek*, o Outro, falar para ela, sobre ela e por ela.

A segunda vontade que aniquila o *Meeseek* é a vontade de Beth, que está em um restaurante tomando champanhe com este. Beth discorre sobre as suas inseguranças emocionais, sobre ter engravidado aos 17 anos e não ter ainda terminado sua faculdade de veterinária e questiona-se sobre o que teria acontecido se não tivesse engravidado. *Meeseek* então pega sua mão e a aconselha “Ter uma família não te impede de ser você mesma [...] seja sincera com eles ainda que isso signifique se separar deles”. Beth se emociona e cogita a ideia da separação de Jerry. *Meeseek* é engolido e aniquilado pela vontade em Beth, de modo que Beth tinha o desejo de falar-escutar a si na presença de Outro e, que um Outro validasse seu desejo confessional.

A terceira vontade que aniquila *Meeseeks* – visto que no decorrer do episódio os *Meeseeks* se multiplicam para operar neste desejo – é a vontade de Jerry. O desejo de Jerry devora *Meeseeks* no final do episódio, em um restaurante, envolto por *Meeseeks*. Neste momento, após muito investimento, Jerry consegue finalmente aprimorar sua tacada de *golf* longa e curta. Se apresento aqui um possível modo de aniquilação do Outro pela vontade em

Jerry é por meio da necessidade do Outro em realizar cobrança, pressão e estar presente, afim que ele consiga expandir a insaciabilidade de sua vontade.

Talvez uma quarta vontade possa ser considerada em relação aos *Meeseeks*, o primeiro desejo ao acionar a “Caixa de *Meeseeks*”, o pedido de Rick na demonstração de como a caixa funcionava, solicitando ao *Meeseek* para abrir o pote de maionese de Jerry. Uma vontade que reconhece a existência do outro apenas quando este precisa realizar uma operação mecânica.

Assim, evidenciamos vontades que se apresentam em relações: a) em Summer era dos Outros para consigo; b) em Beth de si para consigo mesmo; c) em Jerry do aprimoramento de uma habilidade sua; e, d) em Rick, da execução de alguma atividade. Todas vontades que engolem e aniquilam *Meeseeks*. Denoto que reconheço uma pedagogia cultural operando neste sentido, que converge em todos os casos: os *Meeseeks* só são vistos, participantes e reconhecidos na medida que atuam e, não em um atuar por atuar, mas no atuar de acordo com a vontade daquele que olha, reconhece e valida a existência do Outro – no caso de um *Meeseeks*.

MEESEEEKS E A REVOLTA DA VONTADE

Um outro olhar possível, seria não o de que a vontade de Jerry, Beth e Summer produzirem os *Meeseeks*, mas a vontade dos *Meeseeks* em operar pela ampliação da (in)saciedade da vontade dos Outros (no caso Jerry, Beth e Summer) seja o produtor da existência do próprio outro. Assim os *Meeseeks* seriam a representação de um ente metafísico “vontade” que atravessa a insaciedade da vontade deste mundo – que é uma representação. É próximo a este olhar metafísico, do fenômeno em si, que Arthur Schopenhauer se aproxima (SCHOPENHAUER, 2011; 1964; MONTEIRO, 2014; STRATHERN, 1998). Um ente tão forte de outro mundo que se manifesta neste – os *Meeseeks* – que amplia-se e devora o Outro, a ponto de buscar elimina-lo.

Visualizo isto no caso de Jerry. Seu pedido de início é aprimorar suas habilidades em *golf*, sua tacada longa e curta. O *Meeseek* que aparece inicialmente, passa a dar sugestões e acompanhar Jerry em um campo de *golf*, sugerindo “ombros para traz”, “flexione o joelhos”, “relaxe”, “respire fundo”. A medida que Jerry não consegue o aprimoramento de forma rápida, este começa a estressar-se com os conselhos do Outro e a optar por desistir. Um *Meeseek* só desaparece quando o desejo que o evocou neste mundo é realizado, sendo assim quando o *Meeseek* depara-se com a possibilidade de desistência de Jerry, este aciona o botão

da caixa agenciando outro *Meeseek* para auxiliá-lo. Esses acionamentos se multiplicam e logo existe uma multidão de *Meeseeks* auxiliando Jerry. Os *Meeseeks* desesperam-se a medida que não conseguem sucesso e o tempo passa, “Os *Meeseeks* foram criados para viver pouco [...] todos nós queremos morrer! Somos *Meeseeks*”, não suportando a existência a medida que sua vontade – de que a vontade do Outro seja saciada – conclama por (in)saciedade.

É no desespero, por não suportar a existência na miríade de desejos insatisfeitos que os *Meeseeks* começam a culpar um ao outro por terem sido invocados neste vale de lágrimas. Este não suportar seus desejos nos dá indícios de que os *Meeseeks* foram corporificados como indivíduos desejantes. É do desespero que surge a revolta, inicialmente entre si, um atacando o outro, violência que transborda, sangue de *Meeseeks* derramados por uma vontade insaciável que atribui culpa um ao Outro por ter-lhes chamado a este mundo. Mas a vontade não permite-lhes a morte, o deixar de existir, visto que essa nunca é sanada – ou melhor, só pode ser sanada quando o desejo inicial de Jerry for realizado. Um dos *Meeseeks*, o primeiro convocado por Jerry, sugere então uma “melhora no jogo”, um fim ao sofrimento dos *Meeseeks*, quando estes “matem” Jerry – suprimam a vontade criadora. Os mesmos organizam-se então com armas de fogo, espadas e tacos de *golf* e vão a busca de Jerry. Chegam no restaurante onde Jerry está com Beth atirando, fazem reféns e ressaltam que “foram criados com um propósito específico” – da vontade – e “farão qualquer coisa para acabar com esta dor”. Incentivado por Beth, em uma epifania, Jerry usa de uma última tentativa e consegue provar aos *Meeseeks* que aprimorou sua tacada longa. Um *Meeseek* se (auto)identifica como possessivo e pede que ele prove sua tacada curta também, Jerry realiza a tarefa e os *Meeseeks* desaparecem.

Indago-me então se poderiam ser os *Meeseeks*, como entidades de outro mundo-realidade, os atribuidores da existência de Jerry, Beth e Summer, na medida em que manifestam-se quando evocados e sua vontade é parte constituinte da vontade do Outro. Oras, acredito que os *Meeseeks* validam a existência de Jerry, Beth e Summer com sua vontade a medida que Jerry, Beth e Summer validam a existência dos *Meeseeks*. O manifestar-se de ambos é a atribuição de um desejo, de uma subjetivação-objetivação da vontade.

A vontade aqui é manifestação da existência, a existência manifesta-se na vida e, a essência da vida é sofrimento. Os *Meeseeks* são como a vontade manifesta de outro mundo-realidade, são entidades metafísicas. Esta é uma leitura schopenhauriana que poderíamos realizar neste recorte em específico.

Todavia, aqui vejo duas possibilidades de distoar com as contribuições de Friedrich Nietzsche (2016, 1974). Para Nietzsche a vontade também é vida, mas vida que manifesta movimentação, que transborda desejos, que dança, pirueta, ri e gargalha – principalmente de si mesmo. A vontade é algo deste mundo, não de outro. A vontade não seria coisa em si, mas faz-se vontade a medida que age e, por fazer-se, a vontade não mantém vontade, mais deriva-se em sua potência.

Assim a dor dos *Meeseeks* pela existência é a dor da vontade de outro plano, ou fez-se dor nos encontros deste mundo?

MEESEKS, SUJEITOS PUROS DO CONHECIMENTO E UMA ÉTICA DA COMPAIXÃO

Um outro olhar possível, é o de *Meeseeks* atuantes por meio de uma ética da compaixão schopenhauriana. Para Arthur Schopenhauer (2001; 1964; MONTEIRO, 2014; STRATHERN, 1998) o homem pode experimentar a liberdade conquistada e, isto é possível por modo da supressão da vontade. A supressão da vontade dar-se por meio de uma ascese, um exercício contínuo, um trabalho de Sisifo, uma sublimação dos desejos. Esta supressão da vontade é possível a medida que torna-se um sujeito puro do conhecimento. O transformar-se em um sujeito puro do conhecimento é algo raríssimo, que dura instantes, é o momento onde existe o abandono da individualidade. Este abandono da individualidade é possível por meio da compaixão. O abandono da individualidade é assim um deslocar-se para fora de seu egoísmo, é o reconhecer o desejo do outro, no solidarizar-se com o próximo e partilhar de seus sofrimentos. É um suprimir a si como corpo – que consiste na manifestação imediata da vontade – e em um exercício altero e empático partilhar do sofrimento, um exercício de uma: Ética da Compaixão.

Poderíamos ver isto por exemplo se olharmos para os *Meeseeks*, desesperados pelo sofrimento de Jerry de não conseguir aprimorar suas habilidades de *golf*, sofrer com estes aponto de atentar contra a vida de outros *Meeseeks* ou até mesmo no atentar contra a vida do próprio Jerry. Poderíamos até mesmo ver a existência de *Meeseek* como uma ética da compaixão por excelência, de modo que sua existência só é possível a medida que esta partilha da vontade do Outro e, assim, de sua dor. *Meeseeks* seriam então o sujeito puro do conhecimento por excelência, seriam entes na medida de sua descorporificação. É a liberdade conquistada no próprio exercício de existir.

Todavia, mais um distoar poderia ser possível: O suprimir sua vontade pelo próximo e a compaixão seria assim uma supressão da vontade? Talvez, esta seria a herança protestante que faz com que Friedrich Nietzsche (2016; 1974) se afaste de seu inspirador Arthur Schopenhauer. O próprio Zarathustra pontua inúmeras vezes que o amor ao próximo é dissimulado. É fácil amar ao próximo, sanar os desejos de quem está ao seu lado, colocar-se empaticamente no lugar daquele que comunga dos mesmos ideais que si. A compaixão seria mais uma dissimulação da vontade, do que uma supressão desta, ou melhor, a compaixão não deixaria de ser uma atuação de uma vontade de poder sobre si e sobre o outro.

Friedrich Nietzsche (2016, 1974) arrisca ao invés de uma vontade de vontade (SCHOPENHAUER, 2001; 1964), demasiada, mítica e metafísica, em uma vontade de potência, deste mundo, para além de um bem e um mal, para além de uma saúde e uma doença, para além de uma compaixão cínica. Seu Zarathustra é a vontade de potência em excelência, não é necessário a supressão de sua vontade, mas sim uma vontade alegre, infantil, que ri, dança, cantarola... Uma vontade que não busca governar o Outro, tão pouco o amor ao próximo, mas sim um arriscar-se no amar ao distante. Um amor ao distante que permite-o ficar distante em sua solidão e, não busca-o governar e coloniza-lo com seus (ar)regimentos éticos.

Nietzsche reconhece que a vontade de potência é uma força que está além de nossos sentidos, mas discorda de Schopenhauer que a vontade seja algo de outro mundo, seja uma vontade única que rege a todos e produz corpos por meio da representação imediata e objetos por meio da representação mediada da vontade. Para Nietzsche a vontade é múltipla, é dizer “Sim” a existência, é física, é orgânica, é criar, expandir e transbordar.

Arrisco-me dizer que os *Meeseeks* mostram-se sujeitos da compaixão por excelências. Estes permitem a realização da vontade do Outro à medida que estes tem sua própria vontade satisfeita pelo Outro. Deixam-se ser colonizados pelo próximo, à medida que colonizam estes. Se suprimem alguma vontade, é a vontade de potência ao conclamar uma vontade única de dor, sofrimento e desaparecimento.

CONSIDERAÇÕES?

A problemática da vontade tem movimentado a matéria pensamento ainda em tempos de *mitologus*. O que busco aqui é manter esta matéria em deslocamento, utilizando de hibridizações e inclinações as contribuições de Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e a

animação televisiva “Rick and Morty”. Realizo, ou ao menos tento realizar, explicações no entorno dos discursos movimentados por esta animação para a contribuição não para respostas, mas para ampliação da problemática no entorno da vontade.

O que espero, é fazer deste escrito-criação um instrumento para circulação de um olhar e, assim, de inspiração para que outros utilizem-o, aniquilem-o, transforme-o, expanda-o e negocie com este, de acordo com sua vontade. Seja ela uma vontade de vontade schopenhauriana, uma vontade de potência nietzschiana ou uma “Caixa de *Meeseeks*” que pode ser acionada de acordo com vossas vontades. Vê-se a animação televisiva “Rick and Morty”, mais especificamente o capítulo “A revolta dos *Meeseeks*” como um território fértil para tracionar as filosofias da vontade de Schopenhauer e de Nietzsche, reconhecendo seu papel pedagógico para as abordagens referentes as conceituações sobre as vontades. Demarcase este campo de produções de sentidos e significados o olhar para a vontade, sob os *Meeseeks*, como: a) *Meeseeks* como seres monstruosos produzidos pela canalização egoísta da vontade; b) *Meeseeks* como produtores do outro à medida que suas vontades insaciáveis é a realização da vontade do outro; c) *Meeseeks* atuantes de uma ética da compaixão, à medida que suprimem sua própria existência-vontade afim de sanar as vontades do outro.

REFERÊNCIAS

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MONTEIRO, Fernando José da Silva. **10 lições sobre Schopenhauer**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014

NETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

_____. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contrapontos, 2001.

_____. **Dores do Mundo: O Amor, a Morte, a Arte, a Moral, a Religião, a Política**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1964

STRATHERN, Paul. **Schopenhauer em 90 minutos**. Trad. Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.